

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica

23 a 25 de julho de 2017

Grupo de Trabalho 2: PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E SITUAÇÕES DE
VIOLÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR E SEU ENTORNO SOCIAL

POPULAÇÃO NEGRA DE LONDRINA: A RELAÇÃO ENTRE OS HOMICÍDIOS,
SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL RACISMO E EVASÃO ESCOLAR

CLAUDIO FRANCISCO GALDINO - UEL/OBEDUC

O presente artigo é fruto da investigação realizada para construção e elaboração da dissertação de mestrado. Teve por objetivo, analisar tanto os indicadores de homicídios da população negra na cidade de Londrina no Estado do Paraná, no período de 2005 a 2014, quanto à relação entre os homicídios e a escolaridade das vítimas.

No tocante a coleta de dados quantitativos recorreremos ao Instituto Médico Legal do município de Londrina, afim de resgatar as informações sobre os homicídios do período analisado. Além disso, extraímos dos livros registros outros indicadores como raça/cor, idade, sexo, escolaridade, endereço e motivo da morte, que neste estudo restringiu-se as provocadas por arma de fogo, arma branca e materiais contundentes.

A violência caracteriza-se de várias maneiras, através de agressões verbais, mentais e físicas, contudo, a mais emblemática é a que resulta no homicídio, que afeta, de forma mais incisiva, as regiões mais desprovidas de recursos e investimentos por parte do governo, geograficamente localizadas nas regiões periféricas das cidades¹. Tais crimes são vistos como recorrentes nessas regiões, a ponto de muitas vezes serem banalizados, genericamente vistos como acertos de contas em razão de crimes.

A violência é um dos grandes desafios a ser superada na sociedade brasileira contemporânea, principalmente devido aos elevados indicadores de mortalidade, que são cotidianamente apresentados pelos meios midiáticos e compartilhados nas redes sociais. Tal situação, conforme apontam as pesquisas na Anistia Internacional (2012), colocam o Brasil como um dos mais violentos do mundo em número de homicídios.

Neste contexto os jovens negros² são as principais vítimas fato que vem sendo publicizado em diversas pesquisas e relatórios como a CPI DO ASSASSINATO DE JOVENS (2016), onde se observa que “a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil”. Já, o relatório da Anistia Internacional

¹ De acordo com Marcelo Paixão (2003) o negro representa a maior parcela nas periferias e habitações precárias de todo o país, sendo pertinente informar que há uma estimativa de que 70% da população negra brasileira reside em áreas “informais” como favelas, ocupações e moradias autoconstruídas. (PAIXÃO, 2003 apud PANTA, pg. 139, 2013)

² O termo “negro” indica o somatório dos valores encontrados para pretos e pardos (IBGE), como tem sido comum em estudos dessa natureza.

(2015) afirma que “mais de 50% de todas as vítimas de homicídios tinham entre 15 e 29 anos e, destes, 77% eram negros. Para Bento e Beghin (2005, p. 194), “principais vítimas da violência urbana, alvos prediletos dos homicidas e dos excessos policiais, os jovens negros lideram o ranking dos que vivem em famílias consideradas pobres e dos que recebem os salários mais baixos do mercado”.

Conceituando violência e racismo

Em 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) divulgou o Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde, e definiu a violência como o

uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações (OMS, 2002).

Machado (1987) explica (etimologicamente), violência origina-se do latim *violentia* e designa o ato de violentar; qualidade do que é violento; força empregada abusivamente contra o direito natural; constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a praticar algo.

A violência é um fenômeno social presente no dia-a-dia da população que o incorpora e o reproduz naturalmente. É um processo metamórfico que ‘assume e se adequa à realidade em que a população está inserida, portanto não pode ser considerado um processo estagnado. Raimundo (2012) afirma:

A violência muda de acordo com o período histórico e não se apresenta da mesma forma de um período a outro. Hoje, ela se apresenta como uma das principais preocupações da população em geral, já que afeta todas as classes e setores sociais. A violência, hoje, renovou-se nos significados de suas expressões mais concretas. Com as mudanças no mundo, a partir dos anos 70, e com o advento da globalização houve uma mudança nas relações sociais e a emergência de um novo paradigma da violência. Enquanto que, nas décadas de 50 e 60, a violência se caracterizava, principalmente, por um caráter político e ideológico, atualmente ela se caracteriza pela exclusão social, pela falta de reconhecimento do outro enquanto sujeito social (RAIMUNDO, 2012, p. 3).

Diante das considerações de Raimundo, percebemos que a violência voltada a população negra assume maior relevância na medida que a mesma é assoberbada em decorrência do racismo, que infere ao negro condições socioeconômicas e educacionais cada vez mais nocivas.

Os efeitos do racismo sobre a vida dos afro-brasileiros sobrevalorizam qualquer forma de manifestação de violência, seja ela física ou simbólica, sendo que na primeira é vista, muitas vezes, com certa naturalidade por uma parcela da sociedade, que entende ser a morte de uma pessoa negra necessariamente atrelada a consequência de algum ilícito, e a segunda à violência simbólica, é cercada de uma negação, praticada simuladamente, considerando-se inexistente na sociedade brasileira o racismo.

A definição do racismo, para a população negra, não se aproxima muito da disponibilizada nos dicionários, na medida que, para os negros, qualquer tipo de racismo não pode ser externado em poucas palavras ou perpetuado em um livro, no quanto o racismo fere o orgulho do “ser negro”, desconstrói sua identidade e extermina uma geração. Contudo, a fim de teorizar acerca deste conceito buscarei destacar algumas definições da palavra racismo, que, no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001), organizado pela Academia de Ciências de Lisboa é definido como:

[...] teoria, sem base científica, fundada na crença da superioridade de certas raças humanas, que defende o direito de estas dominarem ou mesmo exterminarem as consideradas inferiores e proíbe o cruzamento da suposta raça superior com as inferiores; teoria da hierarquia racial (ACADEMIA, 2001, p. 3062)

Para Lima (2002), o “racismo é mais do que um processo de percepção das diferenças físicas ou de ‘características culturais’, é um processo de construção e naturalização das diferenças” (LIMA, 2002, p. 27).

Partindo pelo conceito da violência simbólica de Bourdieu, atribuem-se ao racismo brasileiro que vem acompanhado dos baixos salários, menor expectativa de vida, menor mobilidade social, dos indicadores educacionais ínfimos, maior incidência de homicídios. Para Pierre Bourdieu (1989), o poder simbólico é caracterizado como um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, pág.7- 8)

Nessa perspectiva de construção da violência simbólica, Bourdieu esclarece ser necessário a coerção que se estabelece pelo reconhecimento extorquido que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante por não dispor, para o pensar e para pensar, senão de instrumentos de conhecimento que tem em comum com ele e que não são senão a forma incorporada da relação de dominação.

No campo da violência simbólica surge uma sociedade subdividida, dando-se o resultado desta divisão de poder de maneira desigual, já que é fundada em uma relação de poder entre dominação e submissão, que organizam uma lógica social e promovem uma trama de dominações que afetam diversos grupos conforme sua posição social, grupo racial ou origem.

A violência física deixa marcas externas e indeléveis ao passo que a violência simbólica é ardilosa, reveste-se da aparência de ato rotineiro e natural, deixando 28

sequelas muitas vezes crônicas. Quando a diferença entre física e violência simbólica, Porto citando a concepção de Bourdieu diz:

Essa tarefa significa, inicialmente, considerar, além da violência física, a violência simbólica, como propõe Bourdieu, já que a subjetividade que caracteriza as dimensões da moral ou do simbólico não elimina o caráter de constrangimento dos atos agressivos ao indivíduo, mesmo na ausência de danos físicos. Constrangimento que está presente na prática da violência simbólica, a qual não exclui, mas, pelo contrário, interage com as múltiplas formas de violência aberta, para acompanhar a distinção proposta por Bourdieu (1976) entre violência doce e violência aberta (PORTO, 2010, p.18)

Bourdieu (1989) diz que a violência simbólica tenta desvendar o mecanismo que leva os indivíduos a crerem como "naturais" as representações ou as ideias sociais dominantes. Dessa forma internaliza-se o racismo como algo banal, induzindo-se muitas vezes a vítima a aceitar a situação, consequência de um processo histórico de dominador e dominado, como se ela fosse culpada.

A violência simbólica é implementada menosprezando a cultura, a história de um povo, desconstruindo-se a identidade de uma população que inadvertidamente, sem perceber, enaltece a identidade do opressor, em virtude da ínfima presença de negros nos bancos escolares das escolas básicas como também das universidades, na figura do aluno ou do professor o lado mais cruel se dá, pela vulnerabilidade social que deprecia a dignidade de um povo, pelo baixos salários, pela favelização e pela péssima condição de vida da grande maioria dos afro-brasileiros são submetidos.

A violência esta presente no dia-a-dia da sociedade brasileira. Contudo, quando analisamos seu efeito na vida da população negra, notamos que as consequências da violência se diluem pelo fato do racismo estar impregnado na sociedade brasileira. O resultado da coexistência da violência com o racismo é a manutenção do *status quo*, e por conseguinte não podemos excluí-los da realidade imposta ao negro. Não obstante, o estudo do modo como o racismo, se estrutura e a sua consequência sobre a vida dos negros é crucial para entendermos a segregação espacial, a vulnerabilidade social, o baixo rendimento escolar e consequente evasão e os expansivos indicadores de homicídios de indivíduos da população negra.

Caracterizando o município de Londrina

O município de Londrina, localizado no norte do estado do Paraná, na região sul do país, ao longo dos mais de 80 anos de emancipação política, está hoje com uma população superior a 550 mil habitantes (IBGE, 2016), passando a ser classificada como uma cidade de grande porte e tendo sua região metropolitana (RML) um papel de destaque no país.

Conforme os dados fornecidos pelo IBGE (2010), o município de Londrina possui a seguinte disposição populacional 70,37% se autodeclaram brancos, pardos, 21,77%, pretos 4,30%, amarelos 3,44% e indígenas 0,12%. Os negros estão representados com 26,07% do total de habitantes do município.

A cidade de Londrina surge no período em que o racismo científico e a tentativa de embranquecer o país estavam sendo implementados, levando ao crescimento do fluxo migratório de pessoas de origem europeia o que proporcionou a maior concentração de pessoas que se autodeclaram brancas nesta região. Perpetua-se assim a invisibilidade dos negros, na cidade cresce este indicador, de sorte que muitos, quando possível negam seu pertencimento ao grupo negro.

Em Londrina esse cenário tem o agravante da tentativa por parte do poder público e da própria sociedade, que instituiu uma história oficial que negou a presença negra, logo, assumiu-se uma evidente desvalorização do papel do negro no município, e isto, reflete no ambiente escolar que reproduz o racismo. Provavelmente, se os alunos negros passassem a conhecer uma história local, tendo também pessoas negras como protagonistas o atual quadro de rejeição e evasão dos estudantes negros fossem alterados positivamente.

Trazendo à tona os dados de homicídios

Seja nos grandes centros urbanos seja em cidades menores, a violência está presente no dia-a-dia do cidadão; não preterindo lugar ou classe social. Porém existe uma maior prevalência em regiões onde o Estado não está presente, como é o caso de alguns bairros periféricos e carentes, onde há maior

incidência de homicídios, por conta de brigas de grupos rivais, por acerto de contas ou em confronto com a polícia.

Entre 2005 até 2014 foram registrados nos livros registros do IML/LDA conforme demonstra a tabela 1, um total de 747 homicídios de pessoas identificadas como brancas e neste mesmo período um total de 425 vítimas declaradas como negras.

Tabela 1 - Homicídios de brancos e negros, por zona

COR/RAÇA	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	CENTRO	TOTAL
BRANCO	260	143	149	138	57	747
NEGRO	138	91	95	84	17	425

Organizado: Claudio F Galdino

Fonte: Instituto Médico Legal – IML/Londrina

Mesmo que em um primeiro momento a análise dos dados nos conduza a entender que, a os homicídios das pessoas autodeclaradas como brancas sejam mais relevantes, temos que considerar que no município mais de 70% dos moradores integram este grupo. Por outro lado, a população negra compõe um grupo menos significativo, o agrava o resultado pois diante destes números temos que a possibilidade de uma pessoa negra ser vítima de homicídio em Londrina é 60% maior que do que uma pessoa declarada branca.

Outra categoria que extraída do banco de dados do IML/LDA, é a escolaridade das vítimas, presente na Tabela 2. A peculiaridade presente em ambos grupos se dá pela baixa escolaridade das vítimas. Sendo que, a população negra proporcionalmente quando maior o ano/série menor a presença de negros. Como indica os dados de escolarização no ensino superior, onde 18 vítimas brancas possuíam ensino superior e somente 2 negros no período analisado encontravam-se em tal situação.

A evasão escolar e a reprovação são em grande parte, inerentes ao processo de violência que ceifa a vida da população negra. Os jovens negros afastados do ambiente escolar são mais propícios à criminalidade, ao uso de drogas e a situações que diminuem sua expectativa de vida.

O distanciamento da sala de aula, aumenta a possibilidade da população negra ser acometida por situações de violência que culminem em morte

Tabela 2- Ciclo educacional das vítimas de homicídios em Londrina - 2005 até 2014

ANO/SÉRIE	NEGROS	BRANCOS
ANALFABETOS	08	10
SERIES INICIAIS	76	156
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	223	277
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	81	145
ENSINO MÉDIO COMPLETO	21	87
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	08	46
ENSINO SUPERIOR COMPLETO	02	18
ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO	02	8

A escola não pode ser inacessível ao aluno negro; ela deve cumprir seu papel social de formar um cidadão crítico e de promover a mobilidade social. Além disso deve desenvolver políticas de permanência escolar para a população negra, não só para reduzir os indicadores de abandono escolar, mas também para que a população negra alcance patamares educacionais mais elevados. E que não fique concentrada como estes 92% de vítimas de homicídios no ensino fundamental.

Ser analfabeto ou ter baixa escolarização não é razão para ser vítima de homicídio, mas quando juntamos a esse fator a discriminação racial contra a população negra, percebemos que os indicadores crescem excessivamente.

Portanto no intuito de minimizar o impacto da baixa escolarização na vida da população negra, que reflete nos aspectos econômicos e na própria violência quanto aos os aspectos socioeconômicos e à própria violência que cujo desfecho é a morte precoce destas pessoas, tanto o Estado como todos os envolvidos em práticas educacionais devem ocupar-se em desenvolver ações que alterem este quadro de desinteresse, procurando tornar atraente o ambiente escolar para os estudantes negros.

Se tivéssemos uma escola mais atrativa, que adotasse conteúdos que se aproximassem da realidade de todos os alunos, talvez a escola passasse a ter um outro significado para esses alunos que foram mortos e com isso poderiam

repensar sua permanência em sala de aula e quem sabe seguir um outro caminho.

Em Londrina esse cenário tem o agravante da tentativa por parte do poder público e da própria sociedade, que instituiu uma história oficial que negou a presença negra, logo, assumiu-se uma evidente desvalorização do papel do negro no município, e isto, reflete no ambiente escolar que reproduz o racismo. Provavelmente, se os alunos negros passassem a conhecer uma história local, tendo também pessoas negras como protagonistas o atual quadro de rejeição e evasão dos estudantes negros fossem alterados positivamente.

O currículo que promove a evasão e leva a morte

A construção de uma nação requer políticas educacionais que possibilitem à população, de uma maneira geral, acesso à cultura, ao conhecimento e, acima de tudo, a possibilidade de ascender socialmente. A estrutura social está vinculada ao modelo educacional adotado pelos governantes. Dependendo do currículo educacional e das legislações educacionais vigentes, pode-se ampliar ou restringir a ocupação dos bancos escolares, beneficiando ou excluindo determinados grupos, conforme os interesses externos, assim se perpetuam as desigualdades sociais.

A escola como instituição social é responsável pela reprodução do racismo institucionalizado e materializado pelas práticas discriminatórias, que atingem especialmente os estudantes negros. A discriminação racial nas escolas, além de inferiorizar o estudante negro, eleva os indicadores de desigualdades raciais, sociais, representativas e culturais.

As práticas pedagógicas adotadas pelo professor podem ser o divisor entre a permanência e a evasão do estudante negro. Caso o professor não se posiciona diante de atos racistas que ocorrem em sala de aula, caso priorize somente conteúdos dos dominantes, omitindo os legados da cultura africana e afro-brasileira tais como religiões de matriz africana e toda a contribuição histórica do povo negro, o ambiente torna-se hostil ao estudante negro. Essa violência simbólica deixa marcas na construção identitária dos estudantes negros que não se sentem representados nas práticas pedagógicas adotadas em sala de aula, ficando os referenciais população negras restritas às mazelas

sociais presentes em algumas regiões do país. Omite-se que tal realidade é fruto da relação de poder dos europeus e resultado da exploração do continente africano.

O racismo é uma forma de poder simbólico, já que determina a inferioridade educacional dos estudantes negros, como também impõe condições desfavoráveis nas condições econômicas, segundo Bourdieu (1989) trata-se de um “poder invisível”, que funciona graças à conivência da sociedade, que não se indigna com as restrições impostas à maioria dos negros, estes se concentram nos bolsões de pobreza, e constituem destaque nos indicadores de homicídios, sendo eles as principais vítimas. Este tipo de violência é responsável em colocar os estudantes negros fora das salas de aulas, fazendo-os sentirem-se alheios ao ambiente escolar. A violência simbólica é perpetuada pelas instituições e em virtude dos conteúdos, dos métodos de trabalho

O currículo escolar deve, portanto, ser pensado a partir dos aspectos positivos de todos os grupos raciais, enaltecendo-se a participação de cada povo na construção e no desenvolvimento do país. No caso do estudante negro, isso se dá quando o professor, ministrando suas aulas, valorizando a presença do negro na história do país, enfocando aspectos positivos de sua cultura, origem, identidade, entre outros aspectos, assim, a escola tornar-se-á mais significativa para os estudantes negros.

Sabemos que não podemos delegar a escola toda a responsabilidade pela morte tanto de negros como dos brancos. No entanto não podemos omitir que a escola reproduz o racismo, e desta feita o ambiente escolar afasta os estudantes negros dos bancos escolares precocemente. Sendo assim, o racismo que corrobora para a reprovação e para a evasão dos estudantes negros serve de aliado a cada homicídio em Londrina.

De todas as vítimas de homicídios que foram levantadas em nossa pesquisa, em nenhum caso o a morte ocorreu em dependências escolares, e sim em bares, praças, vielas ou em outros espaços. Portanto, não podemos garantir, que todas essas pessoas ainda estariam vivas, mas que a possibilidade disso acontecer seria bem maior se estivessem em sala de aula.

Referências

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA. Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Verbo, 2001

ANISTIA INTERNACIONAL. **Você Matou Meu Filho: Homicídios cometidos pela polícia militar na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Anistia Internacional, 2015. Disponível em: https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Voce-matou-meu-filho_Anistia-Internacional-2015.pdf. Acesso em 29 de dezembro 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie (2005). **Juventude negra e exclusão radical.** IPEA – Políticas sociais, acompanhamento e análise, n. 11, p. 194-197

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Relatório Final: CPI ASSASSINATO DE JOVENS. Relator Senador Lindbergh Farias. 8 de Junho de 2016. Disponível em:

<http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integrale-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em 29 de dezembro 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Atlas geográfico escolar.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **CENSO 2010** – Dados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em Acessado em Ago 2015.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da violência: do conceito às representações sociais.** Brasília: Editora Francis, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Crenças, valores e representações sociais da Violência.** Sociologias, n.16 p. 250-273, 2006.

RAIMUNDO, Valdenice José. **JUVENTUDE NEGRA E VIOLÊNCIA URBANA.** Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, 2012.

[OMS] Organização Mundial de Saúde. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde** : 10ª Revisão

(CID-10). 9ª. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP); 2003. <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/cid10.htm>

[OMS] Organização Mundial da Saúde. Informe mundial sobre la violencia y salud. Genebra (SWZ): OMS; 2002.